

Entrevista com **Marcelo Santana** (CRP 05/20582), psicólogo e professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

1) Qual você acredita ser o papel da psicologia no enfrentamento à homofobia?

A Psicologia tem muito a contribuir para uma política de combate a qualquer tipo de “fobia”. É até um termo que problematiza muito, essa questão da fobia. Mas acho que a Psicologia, historicamente, se posicionou. Recentemente, a Resolução do Conselho Federal de Psicologia, de 1990, em relação à não discriminação da homossexualidade como doença ou como desvio. Então, a Psicologia pode contribuir fazendo aliança com os movimentos sociais, convocando representantes dos movimentos homossexuais, protagonizados por homossexuais e dialogando com as pessoas que trabalham no campo da Educação. Acho que ela tem muito a contribuir devido à sua inserção privilegiada na sociedade contemporânea.

Acho importante que o profissional da psicologia problematize seus próprios valores. Na formação dos futuros profissionais, é preciso colocar também sob análise os seus próprios valores. O profissional que não reflete, que não se alia aos movimentos que têm se configurado em torno dessas questões não vai ser um bom formador desses futuros profissionais. É preciso ficar atento ao tempo presente, estar mais presente nas discussões que a categoria propõe.

2) Você acha que a Psicologia e os psicólogos têm cumprido este papel ou poderia melhorar neste sentido?

Eu acho que poderia ser mais efetiva, com fóruns de discussão, visibilidade das pesquisas que têm sido feitas em relação à homossexualidade e à homofobia, mas eu vejo que as coisas estão se diferenciando do modo como estavam anteriormente. Anteriormente, havia um certo silêncio, acho que agora há um burburinho, uma movimentação em torno do tema.

3) Em 1999, o CFP criou a Resolução 001/99, que proíbe que psicólogos tratem a homossexualidade como doença. Por que foi necessária uma resolução nesse sentido? O próprio psicólogo já não deveria ter isso em mente?

Exatamente, isso é muito curioso. Muitas questões que estavam em crise começaram a vir à tona. Acho fundamental tomar essa medida do Conselho Federal como um analisador, como um elemento que vai garantir nossa reflexão sobre isso. O que nós temos feito há tanto tempo em relação a uma questão tão séria? E, ao mesmo tempo em que é uma questão séria com relação ao que nós fazemos, parece uma questão tão banal, pois é o modo como as pessoas se relacionam com seu desejo, com seu prazer. Por que deveríamos ser gestores disso? Não devemos estar nessa posição incômoda. Devemos estar atentos aos valores que as pessoas inventam sobre isso.

4) Você acha que, nesses quase dez anos, a Resolução mudou o modo de pensar dos psicólogos?

Acho que a resolução colocou isso na agenda. Mas já vi muitas coisas polêmicas, muitas opiniões drásticas, como profissionais que se sentiram coagidos em relação a isso. Mas, ao mesmo tempo, acho que isso ser colocado em evidência é sempre melhor do que cada profissional tomar uma medida simplesmente limitada por seus valores. Acho que o grande desafio da nossa categoria é esse, dar um sentido mais amplo e histórico a isso.

5) Em termos de formação acadêmica, você acha que os estudantes estão sendo preparados para lidar não só com a questão da homofobia, mas dos Direitos Humanos em geral?

Pois é, é um tema que eu acho que tem certa ressonância na formação em Psicologia. A formação que se encontrava no Rio de Janeiro não contemplava muito essa discussão a respeito dos tabus das minorias. Recentemente, essas coisas estão começando a ganhar mais vulto.

6) No caso dos psicólogos que atuam na clínica, como você acha que poderiam ajudar na questão do preconceito?

A primeira coisa é, fatalmente, essa questão da violência, que deve aparecer nos consultórios e plantões onde estão envolvidos psicólogos e estagiários de psicologia. Agora, o profissional da psicologia clínica poderia também estar participando destas discussões, de modo a garantir certa circulação de informações em torno disso. Acho que a grande questão dessas minorias, da minoria sexual, em relação à homossexualidade, tanto masculina quanto feminina, é um tema que deve preocupar o profissional da psicologia num sentido inteiramente diferente do que aparentemente estava em jogo. Não é no sentido de tratamento da homossexualidade, mas sim de intervenção sobre esse impacto da violência sobre essa experiência de si. Essa é uma questão importante que eu acho que deve se tornar objeto de problematização.

7) Sobre os jovens que estão se assumindo, qual você, acha, como psicólogo, que seria a melhor forma de lidar com isso, com o preconceito, a violência, o estereótipo etc.? Quais são os possíveis danos psicológicos caso eles não encontrem uma forma de lidar com isso?

Os principais danos são o isolamento e a patologização da experiência. O grande desafio dessas gerações mais recentes tem sido dar uma visibilidade que as gerações dos anos 60 e 70 não conseguiram dar. Uma relação de mais desapego à sexualidade. A sexualidade tinha um peso político muito maior há décadas atrás. Eu vejo agora que essas gerações têm experimentado mais e com menos seriedade, numa forma mais lúdica. Acredito que o desafio dessas novas gerações é não banalizar essa prática e não sucumbir à violência, garantir a força da diferença. Esse desafio está colocado para todos nós, mas no caso da juventude que lida com a experiência homossexual, é acatar essa flexibilidade do desejo.

E nós, que trabalhamos com essas questões, devemos politizar um pouco mais essa situação, garantir que as pessoas não sofram tanto por conta disso, e problematizar historicamente. Por que é preciso tanto sofrimento em relação ao fato de a pessoa ter um desejo e práticas sexuais diferentes da maioria? Isso que é uma questão mais gritante, que eu acho que deveria ser colocada na agenda das disciplinas, como no campo da Psicologia Social, discussões sobre sexualidade. Devemos sair um pouco da frieza e colocar mais em questão o nosso próprio tempo.

8) Além dos psicólogos, qual a importância do meio que a pessoa vive, como a família? Como que elas podem ajudar?

Acho que essa é uma questão fundamental. Mesmo com a suposta crise da família brasileira na sociedade contemporânea, ela ainda é uma instituição muito importante, muito subsidiada do modo como as pessoas se constituem. Então, a família e as

instituições educacionais têm um papel crucial, de dialogar sobre isso, sobre a dificuldade que temos em aceitar a diferença e a diversidade. Acho que a educação – e nisso, a Psicologia tem um papel importante a cumprir, porque sua história no Brasil está muito marcada por uma certa preocupação em torno da educação de massas, da educação das futuras gerações – tem muito a contribuir nesse sentido de levantar essa questão, de tornar esse sofrimento uma questão para todos nós. Tal como se desenvolve violência em relação a essa minoria, todas as outras pessoas podem estar submetidas a essa violência do estereótipo, do preconceito. É uma questão muito gritante e a família fatalmente tem um papel muito grande a cumprir nisso.

9) Como você percebe a aceitação da homossexualidade na sociedade?

Quanto a isso, tenho um certo pessimismo. Contemporaneamente, até se fala muito em uma maior aceitação, mas uma aceitação baseada na submissão a determinados modelos que já estão preestabelecidos: o modelo do consumismo, da juvenilização. Mas a grande questão é sobreviver a esses estereótipos, possibilitar que o maior conjunto de diversidades possam ser, se não aceitas, compreendidas, acatadas. Acho que esse é o grande desafio da sociedade contemporânea: dialogar com essas diversidades. E cabe às diversidades também encontrar mecanismos de resistência a isso, a esses padrões estabelecidos. Em relação à homossexualidade masculina, por exemplo, há um determinado padrão familiarista, que é um padrão tomado das experiências heterossexuais. A grande questão é dar visibilidade também a outras formas de relações, de experiências, que estão envolvidas.

10) Você acha que a aceitação da homossexualidade varia muito geograficamente?

Acho que sim. Li uma reportagem dias atrás que falava de um maior abrigo, uma maior proteção que jovens conseguiam encontrar nas comunidades carentes quando revelavam sua homossexualidade, suas práticas sexuais diferentes da maioria. Há uma diferença. Também no bojo da experiência universitária, mesmo que valores dominantes estejam expressos, acho que há um certo espaço social que está em uma lacuna. Vejo que pessoas mais jovens têm experimentado essa relação com pessoas do mesmo sexo de forma diferente de poucas décadas atrás. Então, dependendo do contexto em que se vive, há uma relação diferente quanto a isso sim.

11) Como você vê a difusão desses estereótipos na mídia, por exemplo, em programas humorísticos?

Sobre esses personagens, tais como personagens que expressam relações com outras minorias, como minorias étnicas, eu ficaria muito desconfortável na posição de dizer que esses personagens deveriam ser cancelados. No entanto, essas mídias mais hegemônicas poderiam contribuir para a expressão de outras formas de relação com o desejo, outros modos de ser, não apenas esses caricaturais. Mas é muito difícil você se colocar numa posição de censor do que já está em jogo nas mídias. Outra questão a ser problematizada é: por que causa tanta graça? Por que as pessoas se divertem tanto com isso? Existem mil outras formas de ser homossexual que não estão visíveis na mídia. A questão é que essa imagem que se vende não é a imagem que corresponde à experiência em sua integridade.

12) Isso pode contribuir para o aumento do preconceito?

Acho que isso é uma expressão de um certo preconceito, mas é uma coisa mais “domesticada”: é alvo de chacota, de graça. Mas acho que não devemos sucumbir a

essas imagens, devemos tentar produzir outras, inclusive em mídias alternativas, e relativizar um pouco isso.

13) E com relação a outras formas de exposição na mídia, como nas novelas? Há posições, por um lado, que colocam como positivo o fato de aparecerem casais homossexuais, mas, por outro, essa relação aparece quase assexuada.

Realmente, aparece um pouco deserotizada. Mas eu acho interessante aparecer. As pessoas têm certo preconceito com relação a determinados produtos que são mais populares, como as novelas. Mas acredito que elas colocam em jogo questões interessantes. Houve uma novela recentemente, por exemplo, em que havia um triângulo amoroso e o cerne era a relação entre dois homens. Acho que colocar isso na sala de estar é uma certa coragem. Claro que o público reagiu. Em certa medida, a novela é uma obra aberta. À medida que o público vai reagindo e os índices de audiência vão se modificando, os personagens vão mudando. Mas acho interessante.

É um pouco paradoxal o papel da mídia. Ao mesmo tempo em que uma relação entre dois homens é uma imagem totalmente deserotizada, ela tira da invisibilidade, mostra que alguma coisa está acontecendo. Mas corre o risco de haver uma caricaturização. Assim como há os núcleos dos pobres e dos negros, vai haver também o dos homossexuais. Mas a questão a que os movimentos e os profissionais devem estar atentos é não deixar isso de banalizar, se apropriar disso e radicalizar essa idéia, esse direito à existência, à relação, ao afeto.

14) Como você vê a condução das políticas públicas voltadas à diversidade sexual?

Acredito que deve haver mais investimento. Esse diálogo deve ser estabelecido de forma mais radical, para compreender essas linguagens menores, desses grupos e experiências que estão invisíveis, que não estão presentes em nenhum levantamento estatístico. As políticas públicas têm que alcançar esses públicos, com essa diversidade de referências, de valores. O grande desafio é conseguir dialogar com essas diversidades. Acredito que isso não tem sido feito. Com relação à AIDS, por exemplo, há uma juvenilização da epidemia, que um perfil totalmente distinto daquele estabelecido hegemonicamente. Ao mesmo tempo, se multiplicam pesquisas sobre essas minorias. Isso que é interessante.

15) E como você vê as ações governamentais especificamente? Como elas poderiam ser mais bem implantadas de forma prática?

Acho que alguns movimentos sociais é que acabam se apropriado dessa área. Na verdade, é um grande capital político. Quando aparecem candidatos ao lado de pessoas do movimento homossexual, eles conseguem um capital político interessante. Já se percebeu que essas pessoas são um grupo considerável de eleitores e de consumidores. Acho que, em contrapartida, poderia se aproveitar isso, capitalizar esse voto, produzir uma agenda de discussões, de efetivação de políticas, de discussão com quem tem peso político, apesar da contradição de movimentos com políticos com doutrinas religiosas mais conservadoras. Acho que é preciso aproveitar essa visibilidade, para colocar em voga uma agenda, a respeito da violência, por exemplo. Colocar em evidência a violência contra travestis, contra jovens que assumem sua sexualidade divergente em casa ou na rua.